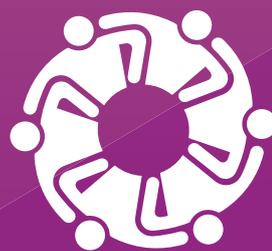


PELA VOZ DAS FAVELAS E PERIFERIAS

COMO O VOLUNTARIADO CORPORATIVO PODE
FORTALECER O ENFRENTAMENTO AO COVID 19



CBVE

Conselho Brasileiro de
Voluntariado Empresarial



Passados 96 dias da decretação do Estado de Calamidade Pública no Brasil, o Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial organizou a primeira edição virtual do seu já tradicional Prata da Casa, convidando a Central Única de Favelas – CUFA, e o G10 das Favelas, para um bate-papo franco e direto sobre a situação de calamidade vivenciada pelos territórios mais vulnerabilizados frente à pandemia, suas consequências de médio e longo prazos, e sobre como engajar o voluntariado corporativo no fortalecimento de inúmeras iniciativas de base comunitária que se articularam nesse contexto. Dessa maneira, o Conselho reafirma seu compromisso com a escuta das comunidades e organizações sociais como requisito indissociável do planejamento das ações do voluntariado corporativo.

O encontro contou com a mediação do José Cláudio Barros, gerente da área de engajamento do **CIEDS**, organização responsável pela coordenação da Secretaria Executiva do CBVE e foi organizado em formato especial, privilegiando a necessidade de ouvir os territórios e as organizações de favelas e periferias sobre como o voluntariado empresarial poderia contribuir para fortalecer as respostas desenvolvidas nos territórios no enfrentamento à pandemia.



Preto Zezé, presidente Global da CUFA, organização com capilaridade nacional e representação em 17 países, trouxe em perspectiva o enorme desafio que é enfrentar uma situação sem precedente histórico, em que a incerteza quanto ao futuro arrebatou tanto as pessoas, quanto as instituições, frisando que sem referência e inspiração, as funções de planejamento restaram fragilizadas em grande parte pela incapacidade de projetar cenários futuros.

Para fazer frente ao novo cenário imposto pela pandemia, CUFA reordenou sua ação institucional. Ao longo dos últimos 20 anos a organização esteve focada na construção de agendas territoriais positivas (ênfase no empreendedorismo) como possibilidade de desconstrução da percepção generalizada de que nos territórios de favela e periferia só há lugar para problemas e tragédias. Atualmente, a organização se empenha em se posicionar como interface entre aqueles mais necessitados e afetados pela crise gerada pela pandemia, e aqueles que querem colaborar diretamente com estas populações, agregando foco e escala. Nesta missão, à época do evento, somavam-se mais de 100 mil pessoas (na operação), transferindo para mais de 2,5 milhões de pessoas, itens de higiene, alimentos e renda, somando um montante equivalente a cerca de R\$ 100 milhões em doações e recursos.

Ressaltando o valor potencial destes territórios, que antes da pandemia giravam algo em torno de US\$ 119 milhões, Preto Zezé enfatizou que este dado não revela apenas um potencial efetivo de transações comerciais de compra e venda, mas acima disso, um manancial de oportunidades para geração de circulação e distribuição de renda, de rompimento de uma invisibilidade material e simbólica, rompida apenas pelas forças policiais, e também de redução de desigualdades sociais.

Por outro lado, no cenário pós pandêmico, Preto Zezé chamou a atenção para a perduração dos efeitos da crise em médio e longo prazos destacando que questões como o aumento do desemprego, da fome, e das consequências da desescolarização para a educação básica, são ilustrativas do agravamento dos fatores de desigualdade e risco a que estarão sujeitos os moradores de favela e periferia no Brasil, exigindo da sociedade civil, das empresas, e das comunidades a capacidade de protagonizar a construção de saídas.

Sem a pretensão de substituir o Estado, Preto Zezé acredita que é o protagonismo comunitário, criando estratégias e parcerias comuns com a iniciativa privada, que sinalizará os caminhos mais efetivos para que as periferias e favelas retomem a abordagem de desenvolvimento e prosperidade sobre a qual vinham assentando sua mobilização e atuação.



Representando o G10 das Favelas, Gilson Rodrigues, manteve em perspectiva a interrupção do ciclo de prosperidade e crescimento socioeconômico experimentado pelos territórios periféricos e de favela. Ressaltando a ausência do Estado como fator propulsor da criatividade e da organização comunitária, e também estratégia histórica de sobrevivência dos moradores destes territórios, relatou sobre como

Paraisópolis montou 12 ações estruturantes de prevenção, controle, combate, socorro e isolamento das vítimas da COVID-19, todas integralmente administradas e custeadas por recursos privados, captados e gerenciados pela própria comunidade.

Destacando a inércia histórica do Poder Público na resolução de questões que lhe são de responsabilidade, Gilson Rodrigues conclamou a indignação geral contra a invisibilidade que aprisiona cerca de 14 milhões de brasileiros em condições de abandono, entregues à própria sorte, antes, durante e depois da pandemia, invocando àqueles que podem se manter em isolamento que apoiem publicamente as lutas das lideranças comunitárias pressionando governantes e autoridades no sentido de que políticas públicas emergenciais de fôlego efetivamente cheguem às favelas e periferias.



Paraisópolis, à época do evento contava com cerca de 1500 voluntários organizados a cada grupo de 50 casas, com a missão de disseminar informações sobre prevenção, monitorar a ocorrência de casos (acionando socorro se necessário), e promover a distribuição de doações. Mas isso não era tudo, eram mais 240 brigadistas treinados entre moradores da comunidade, 03 ambulâncias, equipes médicas, leitos hospitalares, leitos para cumprimento de isolamento, distribuição de 10 mil refeições dias e muito mais. Sem nenhum centavo de recurso público, apenas pela iniciativa da comunidade em parceria com a iniciativa privada.

Tanto para o Preto Zezé quanto para Gilson Rodrigues, pensar o papel do voluntariado corporativo frente ao novo cenário desenhado pela pandemia, é:

- Fortalecer a aliança entre comunidades e empresas como a melhor resposta, possível e urgente, de mitigação dos desencontros experimentados pelas diferentes esferas de governo, que vêm se mostrando incompetentes para liderar e articular a sociedade em suas diferentes representações no enfrentamento à pandemia e suas consequências socioeconômicas de médio e longo prazo;
- Evidenciar que o protagonismo comunitário precisa ter a iniciativa privada como aliada e tem no voluntariado corporativo uma importante ferramenta de intervenção e reversão de desigualdades e riscos;
- Reconhecer que o futuro para os moradores destes territórios será incerto dado o terrível agravamento das desigualdades que já eram conhecidas, sendo o desemprego e a fome questões que saltam em primeiro plano no leque de preocupações;
- Sustentar os vínculos de empatia e solidariedade ao longo do tempo como importante dimensão de reversão das consequências socioeconômicas da pandemia, tanto do ponto de vista da manutenção de recursos financeiros e demais formas de ajuda direta, quanto do ponto de vista da construção e da disseminação de novas tecnologias e conhecimentos que colaborem para retomar o ciclo de prosperidade nesses territórios.

Entendendo que a pandemia representa um momento parada e transição, na qual governos, sociedades e indivíduos, global e compulsoriamente estão convocados a repensar sua forma de estar e atuar no mundo, o CBVE acredita que as opções de pergunta ainda são maiores do que as respostas, e que seguimos tentando corresponder ao desafio de reinventar um futuro compartilhado, apostando nesse sentido, que o voluntariado corporativo é uma ferramenta potente para aceleração de respostas territoriais e mitigação dos efeitos já em curso.

E num mundo em desencanto, entre as muitas certezas desconstruídas frente à tragédia humana em curso, algumas crenças permanecem, ainda, inabaladas, enquanto outras emergem. Nesse cenário, nós, do CBVE, **reafirmamos a crença na solidariedade**, esperando que ela se torne mais contagiante que o vírus, proliferando e fortalecendo as iniciativas empresariais de fomento ao voluntariado estratégico e transformador **Reafirmamos nosso compromisso em caminhar cada vez mais juntos** e sintonizados com mercado, empresas, territórios, organizações e comunidades, compartilhando recursos e conhecimentos para que as ações de voluntariado contribuam efetivamente para geração de escala para iniciativas locais protagônicas. **Também reafirmamos a escuta e o diálogo como base do relacionamento** e da construção de redes, potentes, criativas e transformadoras, empenhadas e compromissadas em não deixar ninguém para trás. Por fim, e não menos importante, **reafirmamos nossa crença no voluntariado corporativo como a ferramenta transversal capaz de alinhar diferentes atores, iniciativas e recursos na criação de sinergias transformadoras em direção a um mundo melhor.**



O CONSELHO BRASILEIRO DE VOLUNTARIADO EMPRESARIAL – CBVE é uma rede que reúne empresas, confederações, institutos e fundações empresariais. É independente, apartidário que, respeitando a diversidade, dirige suas atividades para a promoção e o desenvolvimento do voluntariado empresarial. Tem por propósito ser uma rede de promoção e desenvolvimento do voluntariado empresarial, tanto dentro quanto fora do país, proporcionando um espaço de construção coletiva e diálogo para os seus associados.

A promoção e o desenvolvimento do voluntariado empresarial se concretizam em quatro pilares:

- **Produzir e disseminar conhecimentos relacionados à temática;**
- **Promover o intercâmbio de experiências e práticas entre os associados, incluindo aspectos gerenciais;**
- **Fomentar a adoção de práticas de voluntariado no meio empresarial;**
- **Atuar numa perspectiva de advocacy para a causa.**

Quer saber mais?

www.cbve.org.br

(21) 3094-4555 (Secretaria Executiva do CBVE)

cbve@cbve.org.br





A **CUFA (Central Única das Favelas)** é uma organização brasileira reconhecida nacional e internacionalmente nos âmbitos político, social, esportivo e cultural que existe há 20 anos. Criada a partir da união entre jovens de várias favelas, principalmente negros, a organização promove atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania, como grafite, DJ, break, rap, audiovisual, basquete de rua, literatura, além de outros projetos sociais.

Quer saber mais?

www.cufa.org.br/index.php



O **G10 das Favelas** é um bloco de Líderes e Empreendedores de Impacto Social das Favelas que está unindo forças em prol do desenvolvimento econômico e protagonismo das Comunidades. Para isso, as ações estão sendo desenvolvidas com o objetivo de inspirar o Brasil a olhar as favelas como grandes polos de negócios e investimentos, que vão gerar retorno aos investidores e às comunidades.

Quer saber mais?

www.esolidar.com/br/npo/detail/1451-g10-favelas#





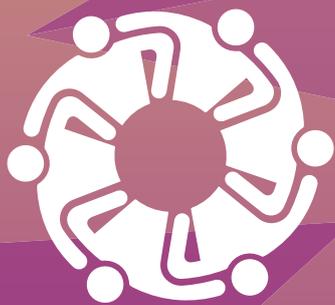
O **Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS)** é uma Instituição Social Sem Fins Lucrativos, signatária do Pacto Global da ONU, com status de consultor especial do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) e membro do grupo consultivo da Sociedade Civil do Banco Interamericano de Desenvolvimento (ConSOC do BID). O CIEDS foi eleito, em 2019, a 3ª ONG mais relevante do Brasil e a 58ª do mundo pelo prêmio TOP 500 NGOs, do NGO Advisor. Atualmente realiza a gestão, a representação jurídica e apoia o CBVE por meio de uma Secretaria Executiva.

Quer saber mais?

cieds.org.br







CBVE

Conselho Brasileiro de
Voluntariado Empresarial